



"Correio Popular"

Domingo, 29 de novembro de 1981



Regis: agora uma personalidade nacional.

Regis de Moraes: Campinas já tem seu "best-seller"

A produção intelectual de Campinas — especialmente a literária — permanece subterrânea e há mesmo momentos em que parece não existir. Não vem à tona e, se vem, traz o timbre do distribuir inexpressivo ou da tipografia da esquina. É claro que isso nada tem a ver com a qualidade das obras eventualmente aqui produzidas, que não é nem muito farta, nem muito boa. O que é espantoso para uma comunidade que marcha rapidamente para o seu primeiro milhão de habitantes.

Bons ventos começam a soprar, entretanto, aqui e ali. Se existe um movimento na pintura, uma efervescência nunca vista no teatro e um padrão internacional de música erudita — e aqui, a cidade não pode se queixar — era de esperar que, excetuando a tradicional e estéril Academia de Letras, houvesse pelo menos um grupo literário atuante. Não que os grupos sejam a salvação da "lavoura literária", mas são no mínimo um sintoma de esforço de pesquisa intelectual, onde a troca de idéias acaba geralmente conduzindo a uma certa sintonia com o tempo.

Esse grupo existe, sim, e tem um nome: "Grupo Oficina". Reúne nomes como o do antropólogo Carlos Rodrigues Brandão, o do poeta Eládio Brito — que não publica desde 1956 — e do ensaísta, contista e poeta Regis de Moraes. Eis um nome sobre o qual é preciso alguma reflexão. Ainda dentro do raciocínio da dimensão das cidades, pode-se dizer que, se Curitiba tem Dalton Trevisan, se Belo Horizonte tem Oswaldo França Jr. e se Porto Alegre tem Josué Guimarães, Campinas tem Regis de Moraes. E tem também agora, saídos da sombra, os nomes do "Grupo Oficina".

Tudo isso vem a propósito do rápido desaparecimento das livrarias da primeira edição de *O que é Violência Urbana*, oitavo livro de Regis, editado pela Brasiliense e elogiado por espíritos críticos da ordem de um Hélio Bicudo. É possível que não haja estudo tão direto e tão eficiente acerca de um assunto que já se tornou, segundo pesquisas, a maior preocupação das grandes populações urbanas. Dessa forma, não só é surpreendente a maneira como este irrecusável ensaio se resolveu, mas principalmente o modo como um escritor afinal de província rompeu as amarras da falta de veiculação editorial e se tornou uma personalidade nacional.

Isso poderia ter acontecido já com "Herdeiros da Sombra" (1978), um explosivo livro de contos vitimado pela inexistente política de distribuição de uma editora carioca, afinal desaparecida. Dois mil exemplares desse livro continuam até hoje empoeirando-se num depósito de Araruama, longe dos leitores, da crítica e das bibliotecas. Por ironia da sorte, trata-se, segundo Regis, de um livro trabalhado, escrito muito lentamente ao longo de seis anos.

Antes de alcançar o grande público, Regis não fugiu à regra geral dos iniciantes: quando dispunha de um número razoável de poemas, tratava de "capitalizar", ia à tipografia da esquina e publicava. Assim aconteceu com *Cotidiano*, com *Vontade de Viver* e, até recentemente, com *Oito Poemas para o Visionário*, uma homenagem intelectual ao poeta nicaraguense Ernesto Cardenal. Este último, apesar de seu padrão gráfico modesto e do esquema de distribuição quase manual, teve uma trajetória muito feliz por quase todos os bolsões culturais do Brasil. *Queda de Areia* (poemas) e *Ciência e Tecnologia* (filosofia) já contaram com a infraestrutura editorial da Cortez & Moraes, de São Paulo.

A imperceptível (mas real) existência do "Grupo Oficina" e a própria presença de Regis de Moraes num contexto antes marcado pelo amadorismo, devolvem à cidade o status intelectual que ela sustentava no início do século, quando o Colégio Culto à Ciência e o Centro de Ciências, Letras e Artes reuniam nomes cuja lacuna até há pouco não havia sido preenchida. Não parece haver mais dúvida de que novos desses nomes estão sendo gerados nas férteis incubadeiras da PUC e da Unicamp. O professor Regis, sem dúvida, é um deles (Eustáquio Gomes).